

## **O ideal masculino e o narcotraficante, o exercício cotidiano da violência nos Andes Orientais Colombianos**

## **El ideal masculino y el narcotraficante, el ejercicio cotidiano de la violencia en los Andes Orientales Colombianos**

## **The male ideal and the drug lord, the everyday exercise of violence in the Eastern Colombian Andes**

Recebido em 02-02-2015  
Aceito para publicação em 15-05-2015

Santiago Alvarez<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe-se descrever representações e práticas de masculinidade e violência presentes em uma comunidade camponesa dos Andes Orientais Colombianos. Trata-se de explicar como um ideal de masculinidade hierárquica e agressiva está presente nas práticas cotidianas dos perpetradores de violência. Realizando suas performances os atores agressivos masculinos constroem diferenciação social e constroem-se como pessoas respeitadas e respeitadas. Pretende-se analisar representações que justificam estas ideias agressivas de masculinidade. Explora-se sinteticamente a figura do conquistador espanhol. Depois descreverá-se brevemente a história da região centrando-se no conflito pela terra percebido como um conflito entre um ordem hierárquica e um ordem igualitário. Mostrará-se o desenvolvimento histórico da figura do patrão o fazendeiro e de sua role articuladora da região com o estado nacional. Procurará-se descrever o imaginário camponês donde as figuras do conquistador e o patrão estão presentes para finalmente analisar a emergência de uma nova figura portadora do ideal masculino: o narcotraficante.

**Palavras chave:** Masculinidade, violência política, violência de gênero, hierarquia.

---

<sup>1</sup> PhD, London School of Economics. Professor Titular Universidad Nacional Arturo Jauretche, Argentina. E-mail: [alvaresantiago@hotmail.com](mailto:alvaresantiago@hotmail.com)

**Resumen:** Este artículo describe representaciones y prácticas de masculinidad y violencia presentes en una comunidad campesina situada en el área del Sumapaz en los Andes Orientales Colombianos relacionándolas con prácticas locales de violencia y de diferenciación social. Más aún, se propone afirmar que el poder y la violencia no pueden ser entendidos en este contexto sin tomar en cuenta la construcción local de una masculinidad jerárquica y agresiva. Mostraremos como una representación de lo masculino es transformada en una representación política en cuanto expresa y justifica relaciones de poder. Este trabajo analizará el aspecto performativo de la violencia centrándose en quienes la practican. Desde este punto de vista se trata de entender este fenómeno no desde la perspectiva de la víctima sino desde la del perpetrador (Kron-Hansen, 1994: 367). En esta comunidad campesina, que para los fines de este artículo denominaremos Nómeque, la violencia es idealizada y utilizada para construir un yo masculino, una personalidad, así como también para crear diferenciación social entre supuestos iguales. Se partirá de la descripción de una narrativa sobre la conquista española que muestra una continuidad, al menos socialmente construida, entre el ideal masculino representado por el conquistador y las sucesivas figuras que representarán el ideal masculino de la comunidad. Se describirá brevemente la particular historia de la región para detenerse en la posesión de la tierra y las luchas agrarias. Se analizará sintéticamente la figura del patrón o hacendado como modelo deseado e imitado por la comunidad. Más tarde, se procurará describir el imaginario campesino con el que estas figuras se entrelazan para, finalmente, ver emerger una nueva figura portadora del ideal masculino: el narcotraficante.

**Palabras clave:** Masculinidad, violencia política, violencia de género, jerarquía.

**Abstract:** This article describes representations and practices imbedded in violence in a peasant community in the Colombian Andes. It tries to understand how an ideal of aggressive and hierarchical masculinity is present in the every day practices of the perpetrators of violence. Through their daily performance these actors construct social differentiation and a respectable self. I will try to analyse different representations that justify these referred ideas of masculinity. I will describe a series of narratives concerning the emblematic figure of the Spanish conquistador. Then, I will briefly describe the history of the region with special attention given to the land conflict, which is, basically, a peasant struggle for the control of the land and can also be perceived as a conflict between a hierarchical order and an egalitarian one. In it, I will show the rise and fall of the figure of the great landowner and its role articulating the region to the national state. Later, I will analyse peasants representations in which ideas of masculinity are stressed. Finally, I observe the emergence of a new emblematic figure that carries the male ideal: the drug lord.

**Key words:** Maleness, Political violence, Gender Violence, Hierarchy.

## 1. Introdução

O presente trabalho se propõe apresentar os resultados obtidos durante pesquisa de campo realizada em uma comunidade camponesa situada na

área do Sumapaz nos Andes Orientais Colombianos. Na ocasião, buscou-se entender qual a relação existente entre o ideal de masculinidade presente na comunidade com as práticas locais de violência e de diferenciação social. Afirmamos também, que o poder e a violência não podem ser entendidos neste contexto sem levar em consideração a construção local de uma masculinidade hierárquica e agressiva. Mostraremos como uma representação do masculino é transformada em uma representação política (Alvarez, 2013). Desta forma, analisaremos neste trabalho o aspecto performativo da violência, tentando entendê-la não da perspectiva da vítima, mas do perpetrador (Kron-Hansen, 1994). Na comunidade estudada, que para fins deste artigo denominaremos *Nomeque*, a violência é idealizada e utilizada para construir um eu masculino, uma personalidade, ao mesmo tempo que cria diferenciação social entre iguais (Garriga e Noel, 2011).

Este artigo está baseado em um trabalho de campo prolongado e permanente, que poderia ser considerado clássico, realizado entre final de 1994 e início de 1996. Foi uma longa permanência de quinze meses em uma comunidade rural, voltando em duas ocasiões (2004 e 2010) por períodos comparativamente breves (Alvarez, 2011). Essa comunidade (que denominei *Nomeque* para não usar seu verdadeiro nome) era habitada no momento de minha pesquisa por cerca de três mil pessoas na área urbana e se localizava no planalto Cundiboyacense ao pé do páramo de Sumapaz a uns 2600 metros de altura e a uns 100 quilômetros de Bogotá.

A comunidade de *Nomeque* se vê afetada por diferentes expressões de violência interna. Várias famílias camponesas se veem envolvidas em vinganças de sangue nas quais ideais agressivos de masculinidade encontram sua expressão. Por outro lado, a violência doméstica revela um conflito pelo controle da terra e prova a existência de tensões que são, expressas frequentemente em forma de abusos físicos ou verbais dirigidos

contra mulheres e crianças. Além disso, diversos atores sociais – a guerrilha, os narcotraficantes e as forças armadas – lutam violentamente pelo controle da região. Durante o trabalho de campo em *Nomeque*, pôde-se observar estes conflitos ceifando a vida de vários membros da comunidade.

Este artigo trabalha com a hipótese de que todas estas diversas manifestações de violência estão relacionadas. Seus agentes, por outro lado, têm frequentemente múltiplos e as vezes contraditórios papéis sociais. Na comunidade existem tensões e conflitos entre individualismo e solidariedade camponesa e entre igualdade e hierarquia (Alvarez, 2013).

Como explicaremos mais adiante, a comunidade compartilha um conjunto de valores e práticas sociais dominantes que expressam ideias de superioridade masculina e, ao mesmo tempo, de hierarquia entre supostos iguais. Para compreender a existência e persistência destas representações e práticas sociais é necessário determo-nos na atualidade de uma lenda que narra a conquista espanhola e que descreve, em particular, a figura do conquistador. Este relato foi contado e inclusive representado em inúmeras ocasiões durante o transcurso do trabalho de campo, constituindo uma autêntica narração sobre a origem, ou seja, um mito. Seguidamente, descreveremos brevemente a particular historia da região detendo-nos na posse da terra e nas lutas agrárias. Nos deteremos na figura do patrão ou fazendeiro como modelo desejado e imitado pela comunidade. Mais tarde, analisaremos a emergência de uma nova figura portadora do ideal masculino: o narcotraficante.

## 2. O conquistador

A conquista da região por espanhóis se vê refletida na lenda local de Zoratama e Lázaro Fonte. Os espanhóis colonizaram o território que corresponde a atual Colômbia impondo um modelo hierárquico de organização social centrado na figura do homem conquistador (Gutiérrez de Pineda, 1968). O conquistador enquanto homem e agressor conecta a esfera política com uma representação específica de masculinidade. Esta encarnação da conquista na figura do homem guerreiro a cavalo está presente na comunidade sendo atualizada na mítica história de amor entre a conquistada *princesa* indígena Zoratama e o conquistador espanhol Lázaro Fonte. É este um jovem capitão nascido em Cadiz que chega a Bogotá com a expedição de Jimenez de Quesada onde começa uma relação amorosa com a princesa índia Zoratama. Fonte, em decorrência de uma presumida inveja de um companheiro, é acusado ante seus superiores de roubar esmeraldas (Velandia, 1982). É julgado e condenado à morte, entretanto Jimenez de Quesada perdoa sua vida e o envia, em troca, ao exílio. Vinte e quatro cavaleiros armados o escoltam até um lugar ao pé de um terreno ermo de Sumapaz onde é despojado de suas armas e de seu cavalo e abandonado a sua sorte. A população indígena, espantada ante a chegada dos conquistadores, abandona o lugar. Enquanto isso, Zoratama, que havia seguido a seu amante a pé, encontra a Lázaro Fonte vagando sozinho, tomado pelo desespero. Ela se veste com roupas de princesa e sai em busca do cacique local (*ibidem*). Usando sua diplomacia, Zoratama convence a espantada população de que Lázaro Fonte é um poderoso cavaleiro que foi enviado ao exílio por sua defesa e proteção dos indígenas. O cacique comovido brinda sua hospitalidade ao casal que vive no lugar por alguns meses. Um dia, os índios dizem a Fonte que vieram gente estranha chegando das planícies orientais. Tratava-se da expedição de Nicolás de Federman que chegava do leste com a intenção de competir com Quesada

pelos direitos sobre os territórios recentemente conquistados. Lázaro Fonte envia imediatamente a Zoratama para avisar Jimenez de Quesada. No dia seguinte, dez cavaleiros chegam ao lugar trazendo seu perdão, seu cavalo e suas armas. Lázaro Fonte e Zoratama vivem juntos por um tempo em sua proteção na Sabana de Bogotá. Desta união nasce um filho. Lázaro Fonte, incansável, morre em uma trágica expedição ao Amazonas em busca de *El Dorado*. Em sua morte, Zoratama é despojada de sua proteção e privilégios. É vista vagando sem rumo pela Sabana de Bogotá. Finalmente, se suicida submergindo com seu filho nas águas da lagoa de Guatavita.

Lázaro Fonte é por sua vez, europeu e homem, ele representa o ativo agressivo e patriarcal conquistador. Zoratama em troca, é a passiva mulher índia conquistada por seu poder e encanto. Quando a notícia da morte de Fonte chega ela é despojada de suas terras. A explicação do relato é simples: Zoratama não é nada sem a potência de Fonte e é por isto que, desesperada, mata a seu filho e se suicida. A persistência do mito representa não apenas a atualidade dos valores patriarcais mas também sua articulação com uma política de conquista violenta.

### 3. O patrão e a rebelião agrária

Os soldados espanhóis chegaram a *Nomeque* durante o século dezesseis e fundaram oficialmente o já existente povo em 1536. Durante todo o período colonial a comunidade subsistiu como "*resguardo*" indígena. Depois da independência, durante o período republicano, o *resguardo* é dividido em propriedade privada. É o momento de consolidação do sistema de fazendas (Zasmosc, 1989). *Nomeque*; como todo o Sumapaz, foi dividida em grandes latifúndios. Ao mesmo tempo, os fazendeiros se transformaram em figuras centrais da sociedade local e nacional (Londoño, 1994). O fazendeiro provê

esta história de um poderoso ideal patriarcal. No sistema de fazendas o patrão, com duvidosos direitos sobre a terra, usou a força de trabalho camponesa para limpar e clarear o monte. Para fazê-lo utilizou ao mesmo tempo força e sedução, violência e ambiguidade. Esta conjunção de violência e paternalismo tem presença, como veremos, na construção local do poder.

Em meados do século XX, o sistema de fazendas começou a ser combatido pelos camponeses. O Sumapaz foi constante objeto de conflitos políticos e sociais pela propriedade da terra (Legrand, 1986). A região esteve no centro dos conflitos políticos colombianos desde os anos trinta, quando a rebelião contra os grandes fazendeiros começou. Os camponeses, desafiando o poder dos grandes proprietários de terras, invadiram as fazendas e repartiram a terra (Marulanda, 1991). Desde o final dos anos quarenta até o início dos anos sessenta a região ficou submergida no vórtice do período de guerra civil chamado *La Violencia*. Este esteve marcado por intermináveis ciclos de vinganças entre conservadores e liberais (Uribe, 1991). Na área rural a população se acostumou com a presença cotidiana da violência. A região emergiu deste período com uma consolidação da propriedade camponesa e com o desaparecimento ou o ocaso das grandes fazendas.

#### **4. A persistência dos valores hierárquicos**

Na história recente de *Nomeque*, várias famílias rivais se enfrentaram e se dizimaram em sangrentas vinganças. No transcurso do trabalho de campo duas famílias inimigas, que aqui chamaremos os Ramirez e os Castro se enfrentaram, resultando em quatro pessoas mortas, duas de cada família. Nestes enfrentamentos houve constantes alardes de valor masculino. As vinganças não eram ocultadas pelos agressores, mas ao contrário, contadas com orgulho. Os mortos de cada bando foram enterrados por seus familiares

e amigos como heróis acompanhados por músicas de bandas Mariachis (Vernant, 1990; Alvarez, 2001 e 2013). Por que estes enfrentamentos entre famílias que, até há pouco, tão ativa e solidariamente haviam lutado juntas pela terra?

Tanto os valores que se referem afirmação de uma agressiva masculinidade como os valores hierárquicos sobreviveram intactos ao colapso do sistema de grandes fazendas. O triunfo da rebelião agrária não trouxe consigo uma divisão equitativa da terra, esta foi dividida pela lei do mais forte. Os interesses individuais e familiares prevaleceram sobre a solidariedade camponesa e produziram conflitos na comunidade que se expressaram através da violência. Em consequência disto podemos dizer que a igualdade e a solidariedade camponesa estiveram sempre limitadas por um profundo individualismo (Legrand, 1986). Sendo a terra distribuída pelo uso da força não é arriscado afirmar que o momento da rebelião camponesa coincidiu com uma afirmação da masculinidade dos oprimidos. Agressão e competição estão presentes na realidade camponesa como elementos centrais da construção social da masculinidade.

A comunidade analisada possui um conjunto de valores e práticas dominantes que expressam ideias de superioridade e de hierarquia. Denominaremos *patronazgo* (patronato) a este conjunto de ideias e práticas. O conceito deriva da palavra espanhola *patrón* (patrão) e constitui uma clara referência ao velho sistema de fazendas dominado por sua poderosa figura (Mintz y Wolf, 1957).

No sistema de fazendas a relação com o patrão era de obrigação e subordinação, de oculta e logo aberta conflito. Os camponeses se organizaram, resistiram ao sistema de fazendas e se rebelaram contra seus patrões ocupando e dividindo a terra. Entretanto, a ruptura do sistema não

eliminou as ideias e valores relacionados com ele. O eixo central deste artigo é a persistência dos valores do sistema de fazendas refletido, como oportunamente veremos, no intento dos narcotraficantes de constituir-se em novos padrões reconstruindo com êxito a hierarquia social.

O conceito de *patronazgo* (patronato) define uma particular versão de domínio masculino e está relacionado ao tipo específico de organização familiar. Idealmente, este tipo familiar está dominado por uma poderosa figura masculina central que exerce controle sobre mulheres (com a possibilidade de ter mais um casal sexual); uma prole numerosa (tanto legítima como ilegítima); e também sobre outros homens a ele subordinados. Este homem possui e controla a propriedade familiar (especialmente a terra) exercendo seu poder sobre um território específico (Reinhardt, 1988).

O fazendeiro se converte em uma figura paternalista, ao mesmo tempo temida e protetora. A divisão da terra em pequenas parcelas e o fim do sistema de fazendas não eliminaram o desejo de cada homem campesino de transformar-se em um grande e respeitado proprietário de terra.

Existem também na comunidade, valores desorganizados e resistência contra a ideologia dominante descrita. É importante não esquecermos de que se está falando de uma região onde uma rebelião camponesa vitoriosa teve lugar. Os campesinos resistiram ao poder dos fazendeiros com o suporte de ideias de redenção social tomadas, paradoxalmente, de fragmentos de ideias comunistas e católicas. A guerrilha, que simultaneamente e paradoxalmente é católica e comunista, continua expressando este espírito de rebelião agrária (Alvarez, 2013).

Outro importante elemento para ter em conta nesta análise é a presença de uma alta proporção de famílias matriarcais (chefiadas por mulheres). O

termo matriarcal é usado para descrever situações nas quais as mulheres exercem um papel psicológico ou econômico dominante nas casas, inclusive nos casos em que o homem reside também nelas (Chant, 1996). Este papel feminino dominante está em contraste com uma agressiva masculinidade mostrada por homens que abandonam o lar e vivem fora. A pobreza empurra os homens para fora de casa e, nestes casos, a luta pelo controle do lar se resolve, não sem violência, a favor da mulher. Contudo se a grande maioria dos homens possuem valores de agressividade e individualismo, como é que valores de redenção social e solidariedade puderam ser aceitos por eles em determinados momentos? As ideias de igualdade para os homens estão alimentadas pela humilhação da necessidade do poder. Os homens participaram na revolta contra os patrões não porque quiseram construir uma comunidade de iguais, mas porque eles mesmos queriam converter-se em patrões. É por esta razão que ideias de solidariedade foram compatíveis com as agressivas ideias de masculinidade descritas.

## 5. Uma representação mexicana

Os valores e práticas dominantes que definimos como *patronazgo* estão também presentes em canções e filmes mexicanos adotados e adaptados pela comunidade. Aqui nos referimos brevemente ao impacto de imagens e de músicas mexicanas na construção de hierarquia e diferenciação social em uma comunidade camponesa colombiana.

Desde os anos cinquenta e sessenta, a indústria mexicana cinematográfica obteve um grande êxito nas classes populares latino-americanas, especialmente entre sua população rural (Schnitman, 1984). O gênero de filmes a que faremos referência, os filmes de *rancheras* se originaram nos anos vinte como parte de um movimento nacionalista que se opunha ao

mesmo tempo que imitava os *westerns* norte-americanos (Reyes, 1993). Nestes filmes, as mulheres assumiam um papel subordinado que permitia reconhecer o desejado herói, o bom moço do filme. O personagem principal era também um grande cantor de *rancheras* e todo filme deste gênero se detinha momentaneamente cada vez que se considerava apropriado inserir uma canção (o que acontecia normalmente).

Nestes filmes existe usualmente uma competição entre duas figuras masculinas: o herói e o vilão. O vilão canta mas, o herói canta melhor, o vilão é considerado atrativo pelas mulheres, entretanto o herói o é muito mais; o vilão cavalga bem, mas o herói o faz incomparavelmente. Mostrando suas habilidades os contentores expressam quem é o que merece ser considerado um herói. Esta pessoa deve ser generosa com seus amigos. Deve mostrar sua fraternidade com outros homens, bebendo e festejando. O herói utiliza a violência para impor justiça. O estado e suas leis estão geralmente ausentes nestes filmes. A sociedade rural colombiana identificou-se profundamente com o mundo rural mexicano tal qual é representado na música e nos filmes mexicanos descritos.

O povo de *Nomeque* é conhecido na região como *México Chico* (México Menino). Perguntando porque se chamava assim, as pessoas responderam que todos têm um poncho, uma pistola e fama de *peleones* (brigões). Na região há várias bandas de Mariachis que se fazem presentes nas principais atividades sociais. Entretanto, todas estas imagens mexicanas estão sobretudo vivas no modo como as pessoas agem e se percebem a si mesmas.

## 6. Os Narcos

Este trabalho se propõe afirmar que os barões da droga tentam encarnar e atualizar o sistema de práticas e representações que temos denominado *patronazgo*. Por que os narcos são um ideal de progresso social para a maioria dos camponeses da região? Uma resposta a esta pergunta estaria dada mostrando a forma em que, através de suas atividades sociais e econômicas, especialmente através de seu consumo conspícuo os *narcos* reconstróem com êxito um sistema hierárquico em uma comunidade que havia derrotado os fazendeiros.

Os *narcos* da comunidade analisada foram camponeses pobres que, através da violência, obtiveram poder e riqueza. Definiremos esse grupo, levando em conta Anton Block (1974) como violentos empresários camponeses. Em uma comunidade instável e não estratificada, com relações de poder fluidas, a violência é um modo de estabelecer domínio e poder entre pessoas anteriormente consideradas iguais. É interessante notar que o poder e respeito obtidos pelos *narcos* proveem de seus próprios méritos e não de sua herança. É através da violência que o *narco* constrói um negócio e uma rede de relações sociais, e definitivamente, seu poder.

Como temos visto, canções e filmes mexicanos fazem referência a homens agressivos e violentos que constantemente arriscam suas vidas, conquistam mulheres, bebem e são generosos e leais com seus amigos. Estes comportamentos são uma forma de vida para os narcotraficantes. Eles investem seu dinheiro comprando terras, construindo caríssimas mansões e criando cavalos. Gastam grandes somas com mulheres e festas onde as bandas de *mariachis* são indispensáveis. Qual é a racionalidade destes atos? Um *narco* expressa, com estas ações uma representação camponesa do mundo. Estas ideias relacionam poder e riqueza á propriedade da terra e dão

uma grande importância aos cavalos como símbolo de status. Contudo, estabelecem a necessidade de um consumo conspícuo para construir redes de solidariedade, hierarquia e cumplicidade entre homens.

Por um lado, um *narco* (ao menos na área analisada) realiza o ideal masculino e se transforma em um exemplo para camponeses com menos êxito. Por outro lado, um *narco*, oriundo dos estratos mais baixos da sociedade rural, tem uma representação camponesa do mundo e atua de acordo com esta. Os narcotraficantes fazem sua a representação mexicana do mundo que viram idealizada nos filmes e a atualizam assumindo o papel do herói.

## 7. Terra e cavalos

Na Colômbia, existe uma raça especial de cavalos: *El caballo de paso fino colombiano* (o cavalo de passo fino colombiano). Este é um resultado da introdução espanhola do cavalo andaluz e de sua adaptação á difícil topografia do país. Esta combinação produziu um cavalo elegante e flexível com um passo especial. Um cavalo de passo fino, pequeno e muito confortável para cavalgar, embora sua flexibilidade dependa principalmente da habilidade de seu ginete. Um ginete esperto é aquele que estabelece um controle completo sobre o animal sem forçá-lo e sem mostrar esforço algum em sua ação. Estes cavalos são comprados e vendidos pelos narcos em incontáveis operações e são também exibidos como um troféu social que deve ser admirado. Estas transações são, por um lado, uma forma de lavar dinheiro, enquanto que por outro, fazem referência a aquisição e exibição de status.

Os cavalos foram sempre muito apreciados pela classe alta tradicional da Colômbia; em parte por isto, em parte por possuir uma representação camponesa da riqueza, os *narcos* os desejaram. Inundaram de dólares o negócio de venda de cavalos e obtiveram os melhores do mercado. Quando o dinheiro do narcotráfico inundo o circuito equestre, a classe tradicional não pode competir. As associações de criadores de cavalos de passo fino foram gradualmente dominadas pela presença dos *narcos*.

A aquisição de cavalos é análoga a aquisição de terras. Em alguns lugares da Colômbia, como nos vales temperados abaixo de *Nomeque*, os proprietários tradicionais de terras se viram obrigados a vender suas terras aos *narcos*. Estes se mostraram obcecados por adquirir e possuir terras. Inclusive, levando em conta que há uma evidente pressão para que vendam (uma atitude pouco cooperativa do dono bem pode custar-lhe a vida) os *narcos* pagam usualmente muito bem pelas terras que compram (Camacho Guizado, 1994).

Membros de uma família tradicional contaram como se viram obrigados a realizar uma destas transações com *El Mexicano* em Pacho, Cundinamarca. *El Mexicano* foi um famoso e temido membro do cartel de Medellín e controlava uma extensa área entre Cundinamarca e Bogotá antes de ser assassinado pela polícia.

*El Mexicano* enviou primeiro um de seus lugar-tenentes que comento, como de outras vezes, o interesse de seu chefe em sua propriedade e acertou um encontro entre os representantes da família e El Mexicano a realizar-se em um Café. A partir desse momento, a família se deu conta que não havia outra opção senão vender a fazenda. O pai da família, acompanhado de dois de seus filhos, foi a entrevista com o *narco*. Recordam um homem grande e gordo mascarando *bazuco* (uma elaboração primaria de pasta de coca) e

tomando aguardente. *El Mexicano* respeitosamente chamou ao chefe de família *Don*. Conhecia-o desde o tempo em que, muito jovem ainda, trabalhou temporariamente em sua fazenda como peão. *El Mexicano* queria a fazenda com todos seus móveis e com tudo quanto estivesse ali e ofereceu um preço excelente por ela. Não havia lugar para discussões. Mais tarde, a mulher do dono perguntou se não era possível ficar com uma cômoda que tinha para ela um valor sentimental. *El Mexicano* se recusou a satisfazer este desejo. Não estava adquirindo somente um pedaço de terra. Comprando todos os objetos dos anteriores donos, estava também apropriando-se de um passado e adquirindo simbolicamente seu status de fazendeiro.

## 8. Mulheres e festas: os *narcos* de Nomeque

Organizar festas em suas propriedades e ingerir álcool com outros homens foram as principais atividades sociais dos Artaza (os *narcos* de Nomeque) durante a realização do trabalho de campo. As bandas de Mariachis foram sempre uma presença obrigatória em suas festas. Um *narco*, como um senhor feudal, possui sua própria corte de trovadores. Muitas mulheres jovens estavam presentes nestas festas em que os *narcos* atuavam à vontade. Suas mulheres legítimas, em geral, não estavam presentes nestas e assumiam normalmente um papel mais recatado e subordinado. Muitas mulheres em Nomeque falavam em voz baixa a respeito destas festas expressando sua desaprovação e a convicção de que um elemento sórdido estava sempre presente nelas. Os homens, ao contrário, estavam orgulhosos de comentar que haviam sido convidados.

A família Artaza, baseada em uma relação muito forte entre tio e sobrinho, estava envolvida com o negócio da droga e na lavagem de dinheiro. Eles foram, há alguns anos, lugar-tenentes do *Mexicano*. Apuleyo Artaza já havia

praticado três assassinatos antes de tornar-se "*rico por nada*" como um trabalhador municipal comentou sem inveja. Os Artaza eram além disso, sustentáculos do partido liberal.

## 9. A feira de Nomeque

As feiras agrárias são festas muito populares em Cundinamarca e em toda Colômbia; nelas são exibidos produtos e animais agrícolas. Durante o trabalho de campo realizado, a municipalidade de *Nomeque* organizava sua feira pela primeira vez em cinco anos. Com três meses de antecipação criou-se uma comissão especial encarregada da organização. Os Artaza mantiveram um baixo perfil durante este período, não obstante sua influência notadamente nas decisões mais importantes e sua gente ocupava cargos-chave na junta de feiras.

Às cinco da manhã da quinta-feira, vinte e seis de maio, uma banda de mariachis despertou o povo com sua ruidosa música dando por iniciada a festa. Nesse dia, o público ocupou a praça de toros onde os cavalos foram expostos. As pessoas comentavam acerca da beleza dos animais, da habilidade dos ginetes e, especialmente, da propriedade de cada um dos animais.

Os Artaza apresentaram seus cavalos e ajudaram a apresentar os cavalos que provinham do rancho *La Estirpe*, cujo dono fora no passado um conhecido *narco*. Na competição os ginetes demonstraram suas habilidades em diferentes disciplinas, passo, trote e galope. Os cavalos passaram um por um pela arena, desenhando círculos pré-fixados. Depois dever-se-ia subir a uma plataforma para mostrar o sonoro golpe dos cascos e sua

harmonia. Os cavalos dos Artaza e os do rancho *La Estirpe* ficaram com todos os prêmios.

Os Artaza, pagaram também uma banda de Mariachis que tocou durante os cinco dias que durou a festa. Pagaram também os prêmios do concurso de beleza que elegeu a rainha da feira e pela mesmíssima coroa da rainha que seria eleita na última noite da festa. Os *narcos* ofereceram, além disso, galões de cerveja a seus amigos e conhecidos.

A eleição da rainha teve lugar na última noite no auditório da escola normal. O auditório foi tomado por uma multidão de oitocentas pessoas. Os Artaza e sua corte de seguidores (umas cinquenta pessoas compostas por *narcos* de Bogotá, alguns amigos locais e umas quantas mulheres exuberantes mais o menos tingidas de loiro). Para eles reservou-se assentos em frente ao cenário que ninguém se atreveu a tocar.

Depois de presenciar algumas danças folclóricas a cargos de meninos de uma escola de Bogotá, a banda de mariachis começou a tocar seu conhecido repertório de *rancheras* e temas mexicanos.

Já haviam tocado três canções quando o líder da banda tomou o microfone e disse à multidão que uma pessoa que amava *Nomeque* com todo seu coração e que através de suas ações havia feito uma importante contribuição (fez uma enumeração detalhada das mesmas) ia dizer umas palavras.

Apuleyo Artaza, ante os aplausos do público, subiu ao estrado para fazer um discurso no qual explicou de que maneira havia ajudado a *Nomeque* e quanto amava a seu povo. Ao finalizar, seus amigos e grande parte do público aplaudiram a soberba. Logo, Apuleyo Artaza tomou o microfone em suas mãos e começou a cantar. Cantou várias *rancheras* enquanto os músicos o acompanhavam com seus instrumentos. Sua segunda canção foi

uma ranchera muito popular que diz: “O orgulho de haver nascido no bairro mais humilde, distante do burburinho e da falsa sociedade”. Quando cantou “falsa sociedade” acentuou as palavras olhando com mágoa e ressentimento o lugar onde o prefeito e outras pessoas “respeitáveis” estavam sentados.

Depois de cantar mais duas canções, Apuleyo Artaza chamou seu tio ao estrado que também nos deleitou cantando uma canção. No momento em que terminaram, os amigos dos Artazas e a maioria do público se puseram de pé e aplaudiram. Logo, o presidente da junta de feiras fez um discurso no qual manifestou sua simpatia e agradecimento ao “jovem” Apuleyo Artaza. Depois destes discursos, o prefeito se dispôs a falar. Havia no público certa expectativa uma vez que sua posição foi menoscabada pela atitude dos *narcos*. Agradeceu as pessoas por haver tido uma feira pacífica em que não teria ocorrido sequer uma morte (sic) e termino sua breve exposição exclamando: “Viva *Nomeque*”.

Logo, a eleição da rainha de beleza começou. Os participantes caminharam pela passarela mostrando seus corpos em caros e arrojados vestidos que foram usados na ocasião. Depois, tiveram que responder algumas perguntas. Algumas moças se viram em dificuldades e, em mais de uma ocasião, fizeram rir a audiência com suas estranhas respostas. O público começou a gritar demonstrando suas preferências pelas diversas candidatas. Os Artazas tinham a sua, a filha de um camponês rico ligado economicamente a eles, expressaram publicamente sua simpatia por ela, seus seguidores gritaram seu nome e, paulatinamente, a maioria da audiência se foi voltando em direção a esta candidata. Inevitavelmente, a rainha da festa terminou sendo a candidata promovida por eles.

## 10. A reconstrução das hierarquias

Os *narcos*, atualizando os valores da masculinidade agressiva, tentam com sucesso reconstruir hierarquias e impor seu poder sobre a comunidade. Eles, fazendo uso de extrema violência conseguiram poder e uma vida melhor em termos econômicos, embora muito mais arriscada. A consciência de que a morte pode chegar a qualquer momento é uma situação essencial da vida de um *narco*.

Os *narcos*, travam uma batalha simbólica no campo do status; cavalos, terras e mulheres são obtidos e consumidos como uma forma de exibir seu recém obtido lugar na sociedade. Adquirindo terras e cavalos, os *narcos* seguem o exemplo dos fazendeiros assumindo sua posição social. Estes símbolos apenas podem conseguir-se com uma excessiva quantidade de dinheiro, fazendo-se necessário a busca de meios ilegais para procurá-lo.

Os *narcos* necessitam de lavar dinheiro. Uma das formas de fazê-lo é conceder a outras pessoas para iniciar um negócio legal ou para comprar um pouco de terra. Desta maneira não somente se lava dinheiro, mas também se distribui na comunidade construindo-se relações de cumplicidade e solidariedade. Esta estratégia social permite aos *narcos* criar uma hierarquia de modo comparável a maneira em que o senhor feudal impunha seu poder sobre os camponeses medievais, através de contratos e acordos feudais. Assim, os *narcos* constroem relações de subordinação e dependência com os camponeses.

*Patronazgo* se converte na ideologia dominante. Os homens com sucesso, atuando a partir destes princípios subordinam as mulheres e a outros homens, afirmando agressivamente sua liberdade, domínio e individualismo. Um homem verdadeiro é um homem de sucesso, isto é, um homem que chega a transformar-se em politicamente dominante. Isto explica porque os

fazendeiros têm tão boa imagem apesar de uma rebelião agrária ter ocorrido. Paradoxalmente, são estas mesmas ideias de masculinidade as que fazem com que um camponês pobre esteja contra os fazendeiros ou os *narcos*.

Durante a rebelião agrária os camponeses se uniram e lutaram juntos contra os fazendeiros, e imediatamente continuaram lutando entre si. Após a rebelião agrária os homens pobres competiram entre eles e não lograram criar uma solidariedade e igualdade que perdurasse. Isto é tudo o que suas vinganças de sangue são. O verdadeiro problema político relacionado com a masculinidade que somente pode ser alcançado com um tipo particular de organização política e que, quando se frustra, produz uma atomização em constantes pequenos conflitos.

Os camponeses, influenciados pelo conjunto de valores que chamamos *patronazgo* são atraídos pelo ideal que proveem os *narcos* e tratam de atualizar sua imagem de autoridade masculina na vida cotidiana. Entretanto, fazê-lo, leva impor sua autoridade em seu próprio lugar. Quando tentam dominar seus lares chocam-se com suas mulheres e filhos incrementando a violência doméstica. A grande maioria dos camponeses carecem do sucesso econômico e social dos *narcos* e sua agressão fica fora de controle. As famílias com problemas internos tentam expressar seus conflitos fora, muitas vezes ficando envolvidas em uma série de vinganças de sangue com outras famílias.

A impossibilidade de serem patriarcas com sucesso faz que muitos homens frustrados em situação de pobreza abandonem suas responsabilidades de pais. Estes homens frustrados e na miséria se encontram em uma posição impossível e se transformam em periféricos e vagabundos. Os homens nas famílias pobres têm uma tarefa impossível: querem transformar-se em

homens reais mas não podem devido a sua pobreza. Expressam uma agressão incontrolada porque são um fracasso como homens. Os *narcos*, ao contrario, têm um maior controle sobre a violência que exercem porque não existe contradição entre suas ideias de masculinidade e seu modo de vida. De alguma maneira, eles cavalgam sobre a violência da mesma forma em que montam um cavalo de passo fino, sem mostrar esforço nem temor.

## 11. Referências

ALVAREZ, Santiago (2001). "Enterrando heróis, patriarcas, suicidas e traidores: solidariedade e ostracismo nos Andes colombianos". ***Mana, Estudos de Antropologia Social***. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social-Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro. v.7 (2). pp.35-55 (ISSN 0104-9313).

\_\_\_\_\_. (2011). "É possível voltar? As dificuldades do regresso ao campo em um povoado dos Andes colombianos". ***Dimensões - Revista de História***, Departamento de Historia da UFES, Universidade Federal do Espírito Santo. Número 27, segundo semestre (ISSN 2179-8869). Vitória, Brasil.

\_\_\_\_\_. (2013). "Leviatán y sus lobos, violencia y poder en una comunidad campesina de los andes colombianos". ***Segunda edición***. Editorial de la Universidad de Santo Tomás, Bogotá, 2013.

BLOCK, Anton (1975). ***The Mafia of a Sicilian Village, 1860-1960; a study of violent peasants entrepreneurs***. Londres y Nueva York: Harper and Row.

CAMACHO GUIZADO, Alvaro (1994). "Empresarios ilegales y región: la gestación de elites locales". En: ***Territorios, regiones, sociedades***. Compilado por Renán Silva. Bogotá: CEREC.

CHANT, Sylvia (1996). **Women-headed households**. Diversity and Dynamics in the Developing World. London: Macmillan Press.

GARIGA ZUCAL, José y Noel, Gabriel (2010). "Notas para una definición antropológica de la violencia: un debate en curso". En: **Publicar en Antropología y Ciencias Sociales**. v.III, 9 de Julio 2010, Buenos Aires.

GUTIÉRREZ DE PINEDA, Virginia (1968). "La familia en Colombia". En: **Estudio Antropológico**. Bogotá: Estudios Sociológicos Latino-Americanos.

KROHN-HANSEN, Christian (1994). "The Anthropology of violent interaction". En: **Journal of Anthropological Research**, vol.50.

LEGRAND, Catherine (1986). **Colonización y protesta campesina en Colombia, 1850-1950**. Bogotá: Universidad Nacional.

LONDOÑO, Rocío (1994) "Los nuevos hacendados de la provincia del Sumapaz (1890-1939)". En: **Territorios, Regiones, Sociedades**. Compilado por Renán Silva. Bogotá: CEREC.

MARULANDA, Elsy (1991). **Colonización y conflicto. Las lecciones del Sumapaz**. Bogotá: Tercer Mundo ediciones.

MINTZ, Sydney, y Wolf, Eric (1957). "Haciendas and Plantations in Middle America and the Antilles". En: **Social and Economic Studies**. 6:380-412.

REINHART, Nola (1988). **Our daily bread**. Berkeley, California: University of California Press.

REYES, Aurelio de los (1993). "Cine y sociedad en México, 1896-1930". En: **Bajo el cielo de México**, vol.2 (1920-24), México: UNAM.

SHNITMAN, Alberto (1984). ***Film industries in Latin America: dependency and development***. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation.

URIBE, María Victoria (1992). ***Limpiar la tierra. Guerra y poder entre esmeralderos***. Bogotá: Cinep.

VELANDIA, Roberto (1982). ***Enciclopedia histórica de Cundinamarca***. Bogotá: Biblioteca de autores cundinamarqueses.

VERNANT, Jean Pierre (1990) "A beautiful death and the disfigured corpse, in Homeric Epic". En: ***Mortals and immortals***. Compilado por Fionna Zaitlin. Nueva York-Londres: Mythos.

ZAMOSC, León (1986). ***The agrarian question and the peasant movement in Colombia***. Cambridge: Cambridge University Press.